

Captações externas crescem *econômica - Brasil* 156% e atingem US\$ 23,7 bi

Sergio Lamucci
De São Paulo

As captações externas de empresas brasileiras e da República atingiram US\$ 23,7 bilhões em 2003, um volume 155,95% maior que os US\$ 9,263 bilhões registrados em 2002, segundo números divulgados ontem pela Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid). As emissões domésticas, no entanto, sofreram uma redução de 28%, recuando para R\$ 10,807 bilhões. Já para este ano, o cenário parece favorável tanto no front externo como no interno: a expectativa de que os juros nos EUA, hoje em 1% ao ano, não vão subir tão cedo deve manter o interesse dos investidores estrangeiros por títulos soberanos e corporativos de mercados emergentes. Por aqui, a trajetória declinante da Selic abre espaço para um aumento de emissões de debêntures e o lançamento de novos Fundos de Investimentos de Direitos Creditórios (FDIC).

Bernardo Parnes, diretor da Anbid e presidente da Merrill Lynch no Brasil, acredita que as captações externas podem crescer cerca de 20% neste ano. Para ele, é provável que o cenário de abundante liquidez internacional que vigorou em 2003 continue por um bom tempo em 2004. "Além disso, as empresas devem emitir para ampliar a capacidade de investimento num ano em que a economia vai crescer mais", afirma

ele, acrescentando que a possibilidade de reduzir o custo do endividamento e alongar prazos estimula novas captações externas em 2004. Em janeiro, o setor privado e a República já captaram US\$ 3,31 bilhão no exterior. Parnes espera um aumento das emissões de ações, por meio do lançamento de American Depositary Receipts (ADRs), por exemplo, que totalizaram apenas US\$ 304 milhões em 2003, 73% a menos que em 2002. "E também deverá haver um número maior de emissões de ações no mercado doméstico." O diretor da Eurovest Securities, Carlos Gribel, também acredita num cenário positivo para emissões externas em 2004. Além de acreditar num quadro internacional tranqüilo, ele entende que as empresas vão recorrer ao mercado externo para aumentar sua capacidade de investimento.

A analista de dívida corporativa do ABN AMRO Real, Luciana Massaad, por sua vez, vê com um pouco mais de cautela as perspectivas para emissões externas em 2004. Para ela, é possível que as captações de empresas e bancos brasileiros neste ano recuem 20% em relação aos US\$ 20,3 bilhões registrados em 2003. Luciana entende que a expectativa de aumento dos juros americanos em algum momento do ano deve reduzir o ritmo de operações externas. Além disso, ela acredita que as empresas terão um grande estímulo para recorrer ao mercado doméstico. Como os juros médios devem ficar em

14,5% neste ano, bem abaixo dos 23,3% de 2003, emissões de debêntures e o lançamento de novos FDICs devem ganhar força como opções interessantes de financiamento. Ela ressalta ainda que a recente mudança no cálculo e na alíquota da Cofins também poderá desestimular operações externas. A questão é que despesas financeiras originadas de dívidas contraídas no exterior não podem ser usadas para redução da base de cálculo sobre a qual o imposto incide. Com isso, empresas menores e não exportadoras teriam um incentivo a buscar o mercado interno.

A Anbid também divulgou o ranking dos líderes de emissões em 2003. No mercado de títulos da dívida, a Merrill Lynch ficou em primeiro lugar, liderando US\$ 3,995 bilhões, considerando operações privadas e públicas. O Citigroup, com US\$ 2,95 bilhões, e o JP Morgan, com US\$ 2,745 bilhões, apareceram em seguida. A Merrill Lynch também foi a principal líder de emissões públicas, com US\$ 2,84 bilhões, acompanhada pelo Crédit Suisse First Boston (US\$ 2,250 bilhões) e o Deutsche Bank (US\$ 2 bilhões). No mercado de captações privadas, a liderança foi do Standard Bank, com US\$ 1,813 bilhão, seguido do Citigroup (US\$ 1,450 bilhão) e do JP Morgan (US\$ 1,410 bilhão). Em renda variável, o líder foi o JP Morgan (US\$ 304 milhões). Depois, aparecem Commerzbank e CSEB, com US\$ 152,47 bilhões cada um.